

Sexualidade e paisagens do desejo no interior da Amazônia Paraense

IGOR ERICK 

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BELÉM - PARÁ, BRASIL

igorufpa@gmail.com

DOI 10.11606/ISSN.2316-9133.V33I2PE226954

“Como faço para encontrar um local voltado para gays em Santarém?”. Essa pergunta sobre os espaços destinados ao público LGBTQIAP+, advém de uma conversa com amigos oriundos da região sudeste em uma mesa de bar na cidade. A indagação despertou em mim reflexões sobre o tema da diversidade sexual e de gênero, principalmente no contexto da investigação, qual seja, o interior da Amazônia Paraense. O questionamento no início deste parágrafo, sempre o exponho em artigos e capítulos de minha autoria, justamente por ser uma indagação necessária à reflexão que venho propor neste ensaio fotográfico. A resposta não será dada de imediato, pois a cidade de Santarém, local onde a pergunta foi posta, não contava, naquele momento, com espaços “reconhecidos” como voltados para a sociabilidade do público LGBTQIAP+, tais como as saunas, os bares, as boates, os parques, os banheiros públicos, os cinemas, entre outros, comuns nos grandes centros urbanos do Brasil e, principalmente, nos mais variados estudos sobre sociabilidades homossexuais produzidos nas regiões Sul, Sudeste e até mesmo Nordeste.

Esses espaços são compreendidos nos estudos de sexualidade no Brasil como sendo espaços de “sociabilidade homoerótica”, que em sua maioria são voltados ao público masculino (Simões, França e Macedo, 2010). A ausência de um ambiente de encontros, conversas, fofocas, lazer e demais outros tipos de entretenimentos por meio das relações entre sujeitos em uma cidade no interior da Amazônia, nos moldes daqueles dos grandes centros urbanos, fez-me refletir sobre a produção desses espaços por pessoas oriundas dessas regiões em outros contextos, urbanos, mas também outros, como por exemplo, no interior, na aldeia, na comunidade e na própria região da Amazônia.

Com as investigações antropológicas e sociológicas nos/dos espaços urbanos brasileiros, alguns temas adquiriram maior importância, como é o caso dos marcadores sociais da diferença e os estudos de interseccionalidade que articulam gênero, geração, religião, classe e raça, associados às vezes a espaços de sociabilidade homossexual (Sester, Eros, Oliveira, 2014). Pensando no contexto amazônico, acrescentam-se as preocupações a respeito de sujeitos etnicamente diferenciados, como indígenas e quilombolas e, não menos importantes, os ribeirinhos ou caboclos. Esses sujeitos, marcados socialmente e diferencialmente, são os interlocutores com os quais trabalhei durante o trabalho



e226954

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe226954>

etnográfico, realizado para a elaboração da dissertação em 2018, situado em Alter do Chão no Pará¹.

Alguns desses interlocutores estão presentes nas imagens de numeração: 3, 4, 5, 7 e 11. As fotografias 3, 4, e 5 são homens indígenas, enquanto os números 7 e 11 são mulheres indígenas, ribeirinhas e quilombolas de Alter do Chão e das comunidades adjacentes. Para este ensaio, são realocados para o étnico e para o habitar/deslocamento/trânsito (aldeias, comunidades ribeirinhas, quilombos e cidades interioranas). Pois, os espaços de sociabilidade no interior da Amazônia Paraense, enquanto ambientes de inter-relação, deslocamento, habitação, atividade e lazer podem ser pensados de outras formas, como é o caso do território. Porém, a minha proposta é demonstrar que o Rio Tapajós e os igarapés, por exemplo, são paisagens do desejo, são lugares de moradia dos encantados², espaços que são produzidos e produzem sensações e caracterizam atividades sociais para esses interlocutores. Logo, os modos de habitar essas paisagens são através dos corpos humanos e não humanos (Ingold, 2011), como é caso das encantarias aquáticas (o Boto)³ que regem uma rede de significados para os interlocutores da pesquisa sobre sociabilidade, desejo, libido, ereção, sexualidade e gênero.

Na Amazônia, é possível encontrar duas espécies de boto: o boto tucuxi (*Sotalia fluviatilis*) e o boto cor-de-rosa (*Inia geoffrensis*). Mais do que animais, são personagens que motivam o sentimento de temor, assim como o de exaltação juntos às/aos amazônidas. O temor tem a ver com o encantado que surge no mundo dos seres humanos para manter relações sexuais com as mulheres que quebram o tabu ao banharem nos rios menstruadas, abandonando-as grávidas em seguida. Já a exaltação tem a ver com um homem charmoso e sedutor que, em dia de lua cheia e de festa nas comunidades, emerge das cidades aquáticas para seduzir a cunhantã mais bela. Essas experiências são partes de uma paisagem viva e vivida, com a qual as pessoas se relacionam, assim como a comparação com o boto-homem, enquanto um agente real da cosmologia para os sujeitos. É por meio dessa comparação que os/as interlocutores/as interpretam suas experiências sensoriais em contato com a água do Rio Tapajós (presentes nas imagens 7, 11 e 13).

¹ A vila de Alter do Chão, é reconhecida como um distrito da cidade de Santarém, está em processo de identificação como território indígena Borari. Os dados sobre os trâmites judiciais dos processos de demarcações de terras indígenas estão disponíveis em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/4981#demografia>.

² A definição para o termo “encantado” na Amazônia trata de: “seres que normalmente permanecem invisíveis aos nossos olhos, mas não se confundem com espíritos, manifestando-se de modo visível sob forma humana ou de animais e fazendo sentir sua presença através de vozes e outros sinais (como apito do curupira, por exemplo) (Maués, 1990: 196) Além dessa definição, o antropólogo amazônida também descreve o habitat dos encantados, pois eles: “Habitam nos rios e Igarapés, nos lugares encantados onde existem pedras, águas profundas (fundões) e praias de areia, em cidades subterrâneas e subaquáticas, sendo chamado de encanto o seu lugar de morada” (Maués, 1990: 196).

³ Para mais, ler: Erick, Igor. 2021. O chapéu do Boto-Homem: de como a indumentária nos ajuda a entender a diversidade sexual e de gênero a partir das relações entre humanos, encantados e coisas na Amazônia. In: Corpo, sexo, gênero: estudos em perspectiva. Fabiano Gontijo (org.), São Paulo, Lestú Publishing Company.

Nascer, crescer e viver na Amazônia é para os interlocutores uma maneira de conviver com e submeter-se a tabus, mitos, alusões, curiosidades e encantarias que perfazem o imaginário e as paisagens, moldando dessa maneira, as suas experiências no interior. Entre as idas e vindas ao/do rio Tapajós, dos igarapés, das localidades do planalto, das comunidades ribeirinhas e das aldeias indígenas ao longo do trabalho etnográfico, pude perceber o quanto “ser⁴ amazônida” representa um mundo que está inserido nas inter-relações com humanos e não-humanos, é fazer parte de algo, é ter presença no ambiente por meio do seu manuseio, do seu uso e do contato com o tempo, espaço e objeto (Heidegger, 1995) (ver imagens 1, 2 e 5).

As formas de se conectar com essas paisagens são intensificadas por meio dos usos dos corpos através dos sentidos incorporados no dia a dia em uma experiência sensorial pelos sujeitos da pesquisa. As paisagens do desejo que busquei desenvolver ao longo deste ensaio se configuram nas interações de meus e minhas interlocutores/as e no seu desejo de estar e sentir o rio Tapajós, as matas e os igarapés através de processos experienciais e vivências diárias constituídas por, ao mesmo tempo que, constituem as paisagens e os seus corpos. Logo, a ideia de desejo que defendo não parte de uma proposta filosófica, um movimento de força que se dirige a uma fonte de satisfação. Tampouco uma proposta da psicanálise, onde há uma demanda da perda, pela falta deixada por algo. Penso o desejo enquanto um instrumento do campo sensorial e do campo ontológico dos/as interlocutores/as (presentes nas imagens 3, 4, 6, 8, 9, 10 e 120).

As paisagens descritas por meio das imagens, aqui apresentadas, trazem cores, texturas, aromas, movimentações, trânsitos e sons que são acionados através das experiências dos interlocutores ao sentirem os espaços e lugares situados nesta análise. Constituídas como um registro duradouro e testemunho das vidas e obras das gerações passadas e presentes que habitam nela, e ao fazê-lo, deixaram lá algo de si mesma:

“Olha só, essa praia aqui é o ideal para caçarmos os boys, é muito bom vir para cá no fim de tarde e à noite para beber e depois transar. A água do rio ajuda bastante, pois nela podemos ficar invisível para quem passa pela areia e também ela limpa as nossas impurezas. Quando sentimos a água no ato do sexo Igor, é muito prazeroso para mim, não se te explicar o porquê, mas a água me encanta, o rio já faz parte de mim. Deve ser isso!” (Daniel, interlocutor indígena, 2019)

Em suma, a paisagem não é um pedaço de “terra” (land), nem “natureza” (nature), nem espaço (space), como proposto por Ingold (2002), é onde moramos, está dentro de nós, faz parte do nosso corpo, assim como fazemos parte dela. Assim, as paisagens do desejo,

⁴ O ser, enquanto parte de uma proposta filosófica, é fazer parte de algo, é ter presença no mundo por meio do seu manuseio, do seu uso e do contato com o tempo, espaço e objeto. Assim, tudo o que precisamos e transformamos em experiências no mundo é resultado do que assumimos dentro dele (Heidegger, 1995). Logo, o ser amazônida origina um modo de ocupação através da experiência e presença no mundo, assim como, a existência através do tempo, espaço e objeto.

portanto, são pensadas, por meio deste ensaio fotográfico, enquanto espaço de encontros, lazer, desejo, libido, perigo/segurança, sensório, ontológico, memória, deslocamento que constituem também, um cenário de interior, do qual, compõe o território dos/as interlocutores/as no interior da Amazônia Paraense.

© Igor Erick



Imagem 1. Indígenas Borari na apresentação folclórica do Çairé. Os indígenas fazem parte de uma alegoria para demonstrar a sua identidade amazônica. Erick, 2024.



© Igor Erick

Imagem 2. Durante a festividade que acontece em Alter do Chão – PA, indígenas locais e de outras localidades próximas, são convidados pelas agremiações dos botos a participar do festival. Na foto, vemos os indígenas posicionados em linha reta para apresentação dos: *amazônidas*. Erick, 2024.

© Igor Erick

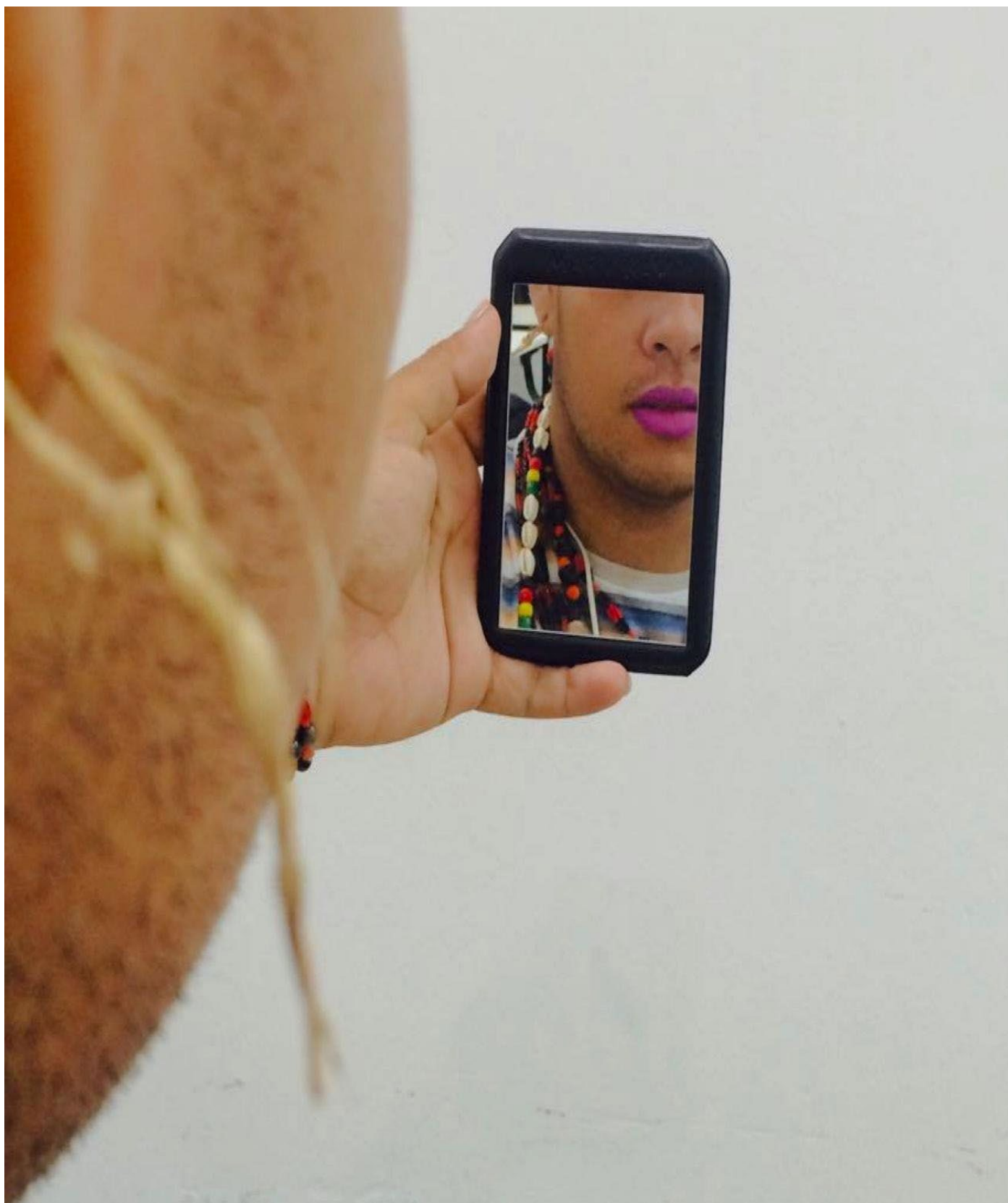


Imagem 3. Interlocutores que produzem e são produzidos pelos rastros (pegadas) de suas atividades e habilidades nas paisagens de rio doce. Erick, 2024.



© Igor Erick

Imagem 4. Interlocutores indígenas caminhado pela areia da praia, constituindo caminhos, memórias e corpos in paisagem do desejo. Erick, 2024.



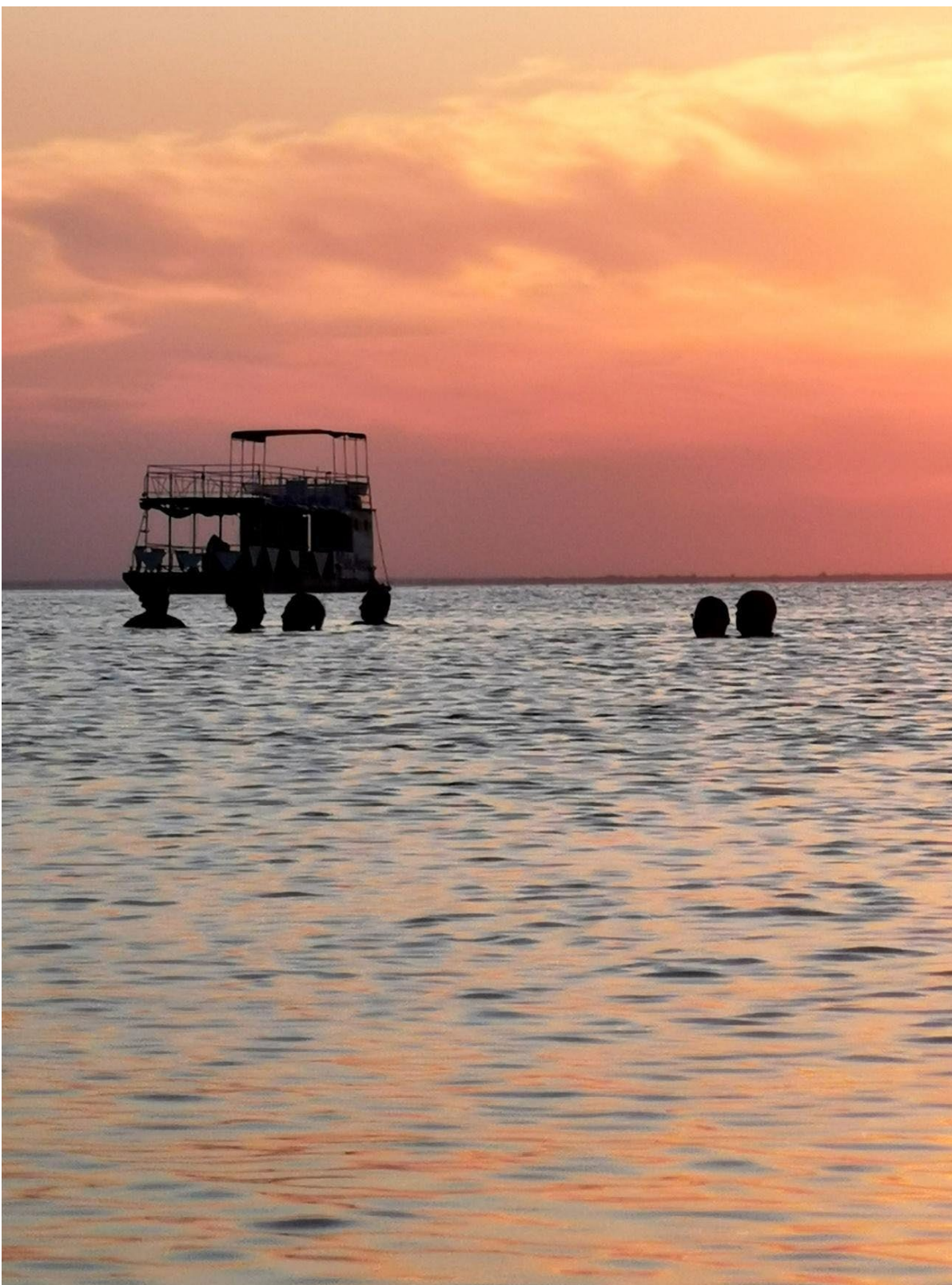
© Igor Erick

Imagem 5. “Eu faço parte de algo”. Indígena Borari se produzindo para participar do festival folclórico do Çairé. Erick, 2024.



© Igor Erick

Imagem 6. Os movimentos assimétricos feitos pelo vendedor de quitutes locais na paisagem do desejo. Erick, 2024.



© Igor Erick

Imagem 7. A espera do Boto-homem. Erick, 2024.



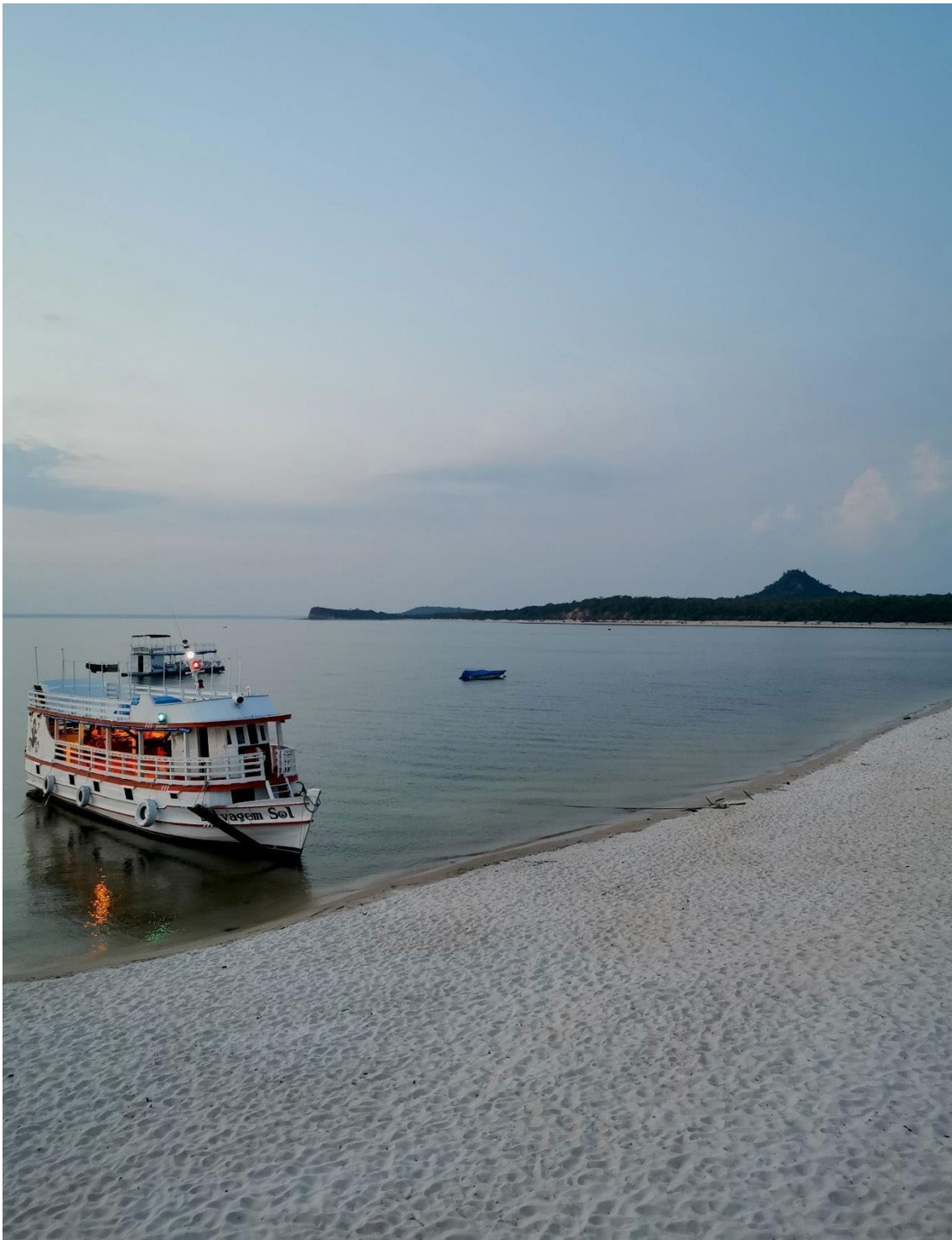
© Igor Erick

Imagem 8. Um mundo habitável: A foto representa o modo como as paisagens são vivenciadas, habitadas e moradas. Erick, 2024.



© Igor Erick

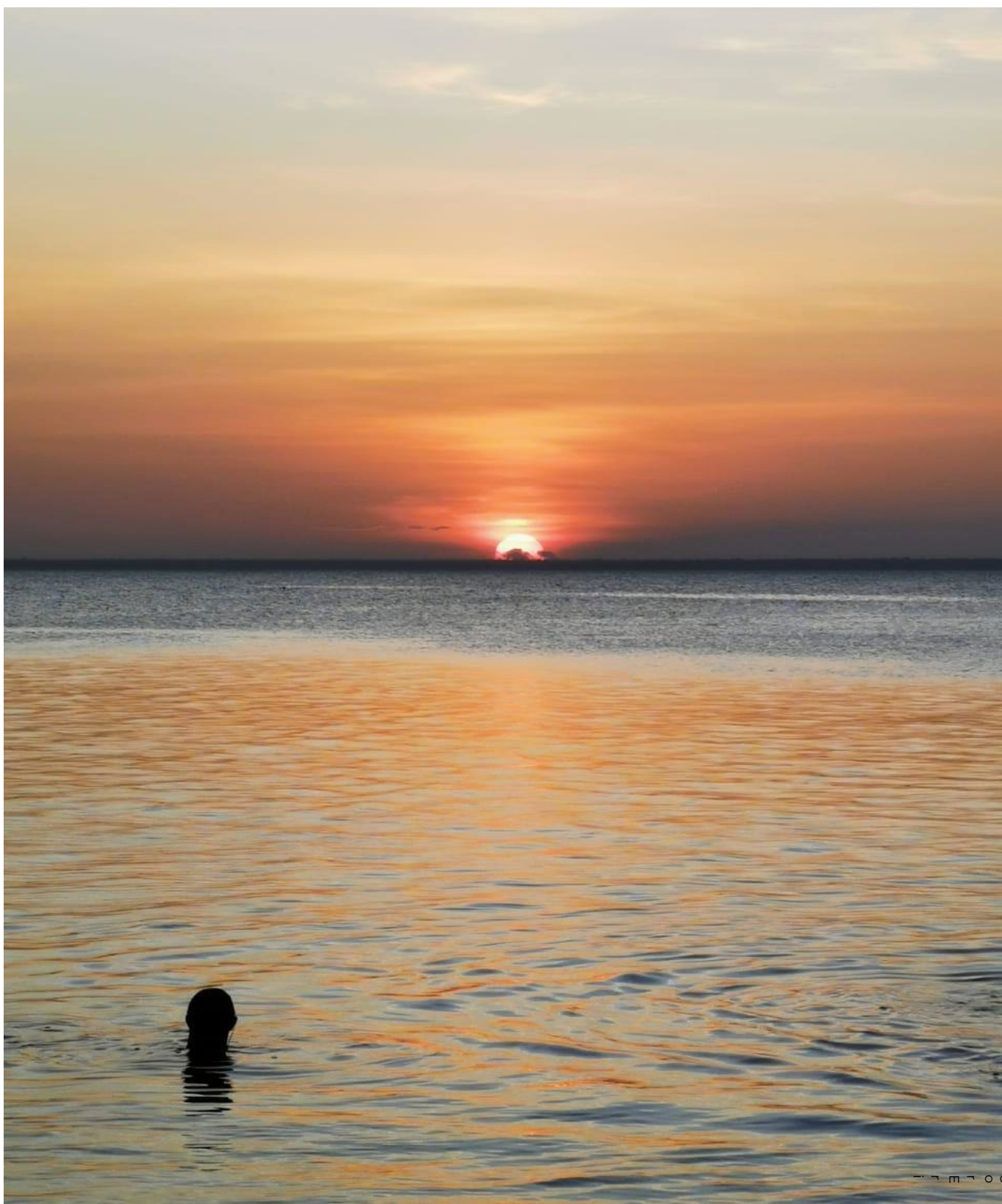
Imagem 9. As experiências de sentir a água durante as relações jocosas, conversas, namoros, encontros, encantos e observações. Erick, 2024.



© Igor Erick

Imagem 10. Aquarela dos sentidos: Um retrato de cores, sons, luzes, aromas e tátil. Erick, 2024.

Imagem 11. A espera de sua volta: A foto retrata um momento de apreciação do pôr do sol de uma interlocutora indígena. A imagem é um dos elementos de uma paisagem habitada por humanos e não-humanos. Durante a observação, a interlocutora associava aquele lugar como morada do Boto



© Igor Erick

sedutor, um encantado que está presente nas memórias e nas realidades dos interlocutores. Erick, 2024.

© Igor Erick

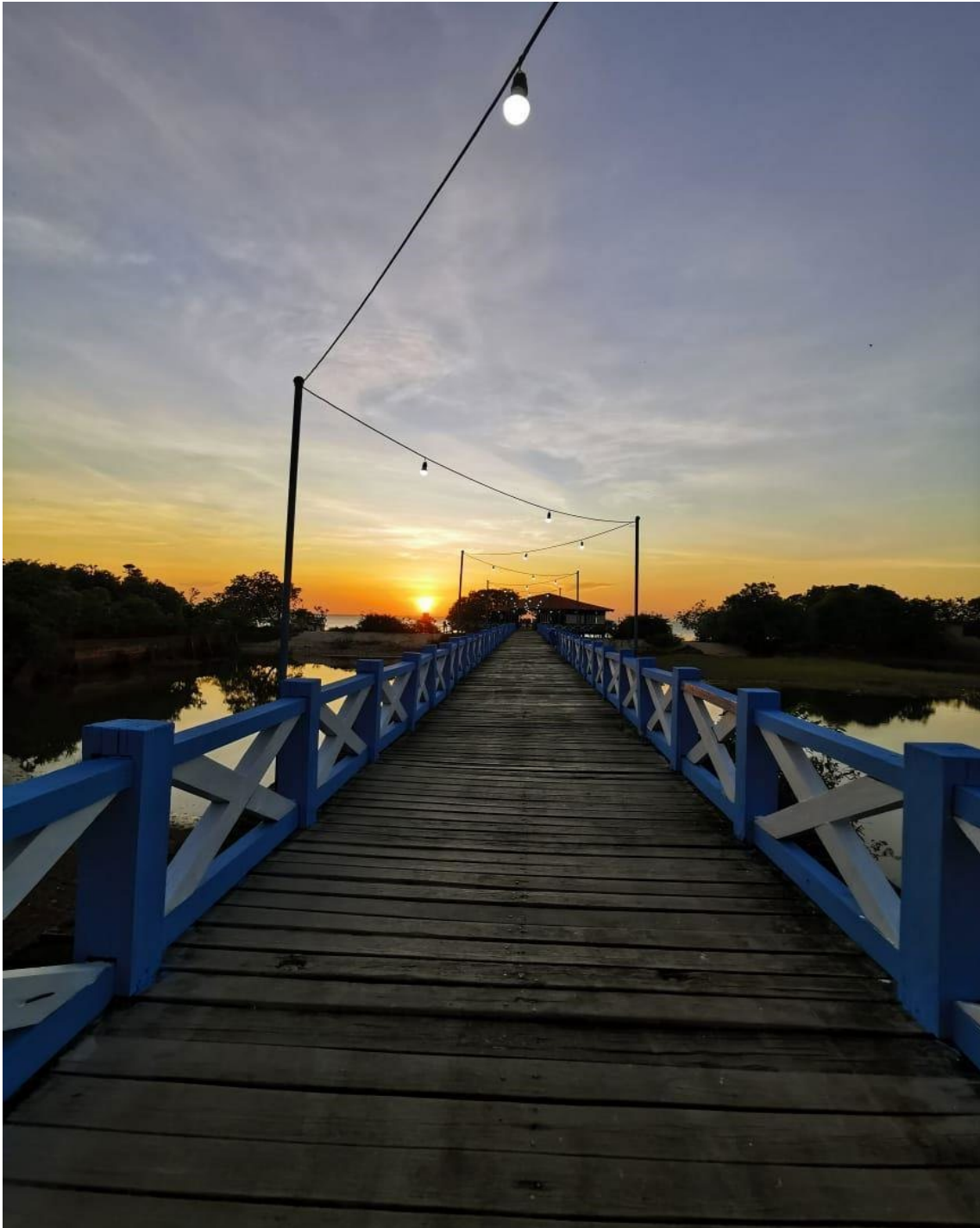


Imagem 12. O caminho. É uma passagem de palafitas de acesso as praias de água doce em Alter do Chão. Associam essa passagem como o caminho do Boto para o mundo dos humanos e não-humanos. Erick, 2024.



© Igor Erick

Imagem 13. Hoje é dia do Boto: Momento para encontros, namoros, fofocas, brincadeiras, uso das encantarias e musicais. Erick, 2024.

Referências Bibliográficas

- ERICK, Igor. 2018. *Entre corpos, sensações e paisagens: reflexões sobre a diversidade sexual e de gênero no interior da Amazônia, Pará: PPGAS-UFPA*. Dissertação de Mestrado.
- ERICK, Igor. 2021. O chapéu do Boto-Homem: de como a indumentária nos ajuda a entender a diversidade sexual e de gênero a partir das relações entre humanos, encantados e coisas na Amazônia. In: *Corpo, sexo, gênero: estudos em perspectiva*. Fabiano Gontijo (org.), São Paulo, Lestu Publishing Company.
- HEIDEGGER, Martin. 1995. *Ser e Tempo* (parte I). Petrópolis: Vozes.
- INGOLD, Tim. 2000. The Temporality of the Landscape. In: *The Perception of the Environment*. Londres / Nova York: Routledge.
- INGOLD, Tim. 2011. *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. London: Routledge.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. 1990. *A ilha encantada: medicina e xamanismo*. Belém: Universidade Federal do Pará.
- SIMÕES, Júlio Assis; França, Isadora L. & Macedo, Marcio. 2010. *Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo*. Cadernos Pagu, Campinas, São Paulo, n. 35, p. 37-78.
- SESTER, Eros & Oliveira, Thiago. 2014. *Experiências Eróticas, Diferença e Produção do Espaço: reflexões etnográficas no campo da pegação em João Pessoa (PB) e São Paulo (SP)*. Anais do VI REA/ABANE. Maceió.

sobre o autor

Igor Erick

Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal do Pará, mestrado em Antropologia pela mesma instituição (2020), e bacharelado em Antropologia pela Universidade Federal do Oeste do Pará (2018). Atua como colaborador em dois grupos de pesquisa: Sexualidade, Corpo e Gênero, liderado por Fabiano de Souza Gontijo e Cosmopolíticas indígenas: ação política, xamanismo e parentesco no Oeste da Amazônia, liderado por Beatriz de Almeida Matos.

Autoria: O autor é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

Recebido em 7 de agosto de 2024.

Aprovado em 3 de outubro de 2024.